



Espiritualidade forjada nas memórias transmitidas

Maria das Graças Fonseca dos Santos^{1*} , Elaine Pedreira Rabinovich² 

RESUMO

A espiritualidade transcende a experiência individual, sendo forjada nas memórias transmitidas através das gerações. Essas narrativas intergeracionais, compartilhadas constituem um legado imaterial que molda identidades coletivas e oferece um senso de pertencimento. Através da oralidade, símbolos e práticas, o conhecimento espiritual é perpetuado, criando uma ponte entre passado e presente. Este estudo tem como objetivo descrever como meus pais, um resiliente casal agricultor do semiárido brasileiro, vivenciavam uma espiritualidade profunda, expressa e transmitida por meio de práticas de solidariedade em suas relações com outras pessoas, bem como a esperança na Providência Divina. Através do método (auto)etnográfico, a pesquisadora explora sua vivência para compreender fenômenos sociais mais amplos. A abordagem exige rigor analítico, evitando meras descrições autobiográficas e promovendo conexões críticas entre o self e o contexto sociocultural. As considerações apresentadas neste artigo demonstram que as memórias sobre espiritualidade constituem um processo contínuo de transmissão que não apenas preserva tradições, mas também as adapta. Dessa forma, a espiritualidade mantém-se relevante e transformadora, resignificando-se dinamicamente em contextos socioculturais e familiares, evidenciando sua natureza evolutiva e integradora.

Palavras-chave: Transmissão Intergeracional, Memórias, Espiritualidade, Família do Semiárido.

Spirituality Forged in Transmitted Memories

ABSTRACT

Spirituality transcends individual experience, being forged in the memories transmitted across generations. These intergenerational narratives, when shared, constitute an immaterial legacy that shapes collective identities and provides a sense of belonging. Through orality, symbols, and practices, spiritual knowledge is perpetuated, creating a bridge between past and present. This study aims to describe how my parents, a resilient farming couple from the Brazilian semi-arid region, experienced a profound spirituality, expressed and transmitted through practices of solidarity in their relationships with others, as well as hope in Divine Providence. Through the (auto)ethnographic method, the researcher explores her own experience to understand broader social phenomena. The approach demands analytical rigor, avoiding mere autobiographical descriptions and fostering critical connections between the self and the sociocultural context. The considerations presented in this article demonstrate that memories of spirituality constitute a continuous process of transmission that not only preserves traditions but also adapts them. In this way, spirituality remains relevant and transformative, dynamically re-signifying itself in sociocultural and family contexts, evidencing its evolutionary and integrative nature.

Keywords: Intergenerational Transmission, Memories, Spirituality, Semi-Arid Region Family.

Espiritualidad forjada en las memorias transmitidas

RESUMEN

¹ Religiosa Mercedária Missionária. Doutoranda e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal/BA). Especialista em Gestão Escolar - Administração e Supervisão (UESPI). Psicopedagogia Institucional e Clínica (Escola de Engenharia de Agrimensura). Graduação em Pedagogia - Supervisão Escolar (Faculdades Integradas Olga Metting) e Bacharelado em Teologia (Faculdade São Bento da Bahia). Membro do Grupo de Pesquisa Família, (Auto) Biografia e Poética (Fabep/UCSal). Membro da Sociedade Brasileira de Cientistas Católicos (SBCC). Coordenadora Estadual da Associação Nacional das Escolas Católicas (ANEC). Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Ceará, 852 - Pituba, Salvador/BA, 41830-450. *Autora correspondente: gracasfonseca@yahoo.com.br

² Psicóloga Clínica. Pós-Doutora em Psicologia e História pela Universidade São Paulo (USP). Doutora em Psicologia Social (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABeP-UCSal). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, Bahia, Brasil.



La espiritualidad trasciende la experiencia individual, siendo forjada en las memorias transmitidas a través de las generaciones. Estas narrativas intergeneracionales compartidas constituyen un legado inmaterial que moldea identidades colectivas y ofrece un sentido de pertenencia. A través de la oralidad, símbolos y prácticas, el conocimiento espiritual se perpetúa, creando un puente entre pasado y presente. Este estudio tiene como objetivo describir cómo mis padres, un resiliente matrimonio de agricultores del semiárido brasileño, vivían una espiritualidad profunda, expresada y transmitida mediante prácticas de solidaridad en sus relaciones con otras personas, así como la esperanza en la Providencia Divina. A través del método (auto)etnográfico, la investigadora explora su vivencia para comprender fenómenos sociales más amplios. El enfoque exige rigor analítico, evitando meras descripciones autobiográficas y promoviendo conexiones críticas entre el yo y el contexto sociocultural. Las consideraciones presentadas en este artículo demuestran que las memorias sobre la espiritualidad constituyen un proceso continuo de transmisión que no solo preserva tradiciones, sino que también las adapta. De este modo, la espiritualidad se mantiene relevante y transformadora, resignificándose dinámicamente en contextos socioculturales y familiares, evidenciando su naturaleza evolutiva e integradora.

Palabras clave: Transmisión Intergeneracional, Memorias, Espiritualidad, Familia del Semiárido.

INTRODUÇÃO

A resistência dos homens e mulheres do campo no semiárido brasileiro demonstra resiliência e capacidade de adaptação, que jamais se caracteriza como acomodação, mas como uma atitude. Essa atitude encontra, na terra, na natureza e na força interior, o dinamismo necessário para não sucumbir às intempéries das estações. Diante de condições climáticas adversas, como secas prolongadas, essas populações desenvolveram técnicas tradicionais de convivência com a aridez, garantindo soberania alimentar e a preservação de saberes culturais. Sua luta diária pela subsistência reflete uma relação equilibrada com o meio ambiente, fundamentada no uso sustentável dos recursos. Essa capacidade de perseverar, não obstante cenários desafiadores, consolida o semiárido como um espaço de identidade, cultura, inovação socioambiental e espiritualidade.

O escritor Gustavo Gutiérrez (1984) ajuda a entender a espiritualidade cristã como uma aventura comunitária. Passos de um povo, que faz seu próprio caminho, no seguimento a Jesus Cristo, através da solidão e das durezas do deserto. Nesta perspectiva, recordo que meus pais viviam uma espiritualidade convicta, comunicada e transmitida através da caridade e da solidariedade para com as pessoas. E como assevera Antônio Janelas (2005, p. 58), “a fé se transmite, não tanto por uma comunicação alfabética, conceptual, mas pelo ambiente envolvente – a comunicação por «modulação» – que apanha todo o nosso ser.”. Essa literatura me ajuda a entender que, de fato, a expressão “com fé na Providência Divina” soa como o versículo de um salmo; uma prece; uma súplica; uma certeza; uma confissão de fé, uma oração. É o protótipo de oração do homem e da mulher simples, que tem uma família grande para cuidar, estudo acadêmico dos filhos, alguns poucos hectares de terra para plantar e muita





coragem para conviver com as adversidades do semiárido, enfrentando os desafios que esse bioma impõe.

Segundo Rabinovich, Sá, Leal e Santos (2022, p. 09), “a espiritualidade é um termo de significados múltiplos”. No contexto deste artigo, a espiritualidade é compreendida como Providência Divina, presente no cotidiano e nas experiências de fé que sustentam, orientam e fortalecem as famílias. Nesse sentido, ela não se reduz a uma dimensão individual ou devocional, mas se manifesta em práticas de solidariedade, partilha e esperança, transmitidas como herança entre gerações.

METODOLOGIA

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa, baseada no conceito de Autoetnográfico, conforme proposto por Elaine Pedreira Rabinovich (2016), a qual defende que a autoetnografia representa uma abordagem metodológica que integra a experiência pessoal do pesquisador à análise cultural. Este método permite examinar fenômenos sociais a partir da interseção entre o individual e o coletivo, contextualizando vivências subjetivas dentro de estruturas culturais mais amplas:

A autoetnografia busca superar dicotomias tradicionais, como objetividade e subjetividade, ao reconhecer que o self é um produto cultural. Através da reflexão crítica sobre a própria trajetória, o pesquisador pode elucidar dinâmicas sociais complexas, contribuindo para uma compreensão mais nuanceada dos fenômenos estudados. (Rabinovich, 2016, p. 280).

Rabinovich (2016) tem contribuído de forma relevante para o desenvolvimento desse campo ao propor uma metodologia que relaciona a experiência pessoal do pesquisador ao contexto sociocultural em que está inserido. Sua abordagem evidencia que narrativas individuais podem servir como via de acesso à compreensão de fenômenos coletivos, articulando dimensões subjetivas e sociais. Ao tratar a vivência como fonte legítima de conhecimento, Rabinovich oferece fundamentos teóricos e metodológicos que fortalecem a pesquisa qualitativa contemporânea, especialmente nos estudos voltados à construção das identidades e à análise das relações culturais.

ESPIRITUALIDADE FORJADA NAS MEMÓRIAS TRANSMITIDAS





Quantas vezes escutamos papai comentando que dali há uns vinte e cinco dias começaria a colheita do arroz! A roça estava linda, os cachos do arroz pareciam ouro. A colheita seria grandiosa, pois o inverno estava sendo bom. E aí, quase que inesperadamente, chovia intensamente, por quinze dias consecutivos. Os córregos, as lagoas, os bueiros e o Rio Gurguéia transbordavam. A vazante ficava intransitável. A enchente inundava a roça, cobria os cachos de arroz, o milho e toda a plantação. Papai olhava a sua roça embaixo de água. Perdera ali, com água, toda a colheita! Era o fim do sonho de uma safra grandiosa! Começava mais uma preocupação com a sua e com as outras famílias que às vezes encontravam-se em situação ainda mais difícil que a dele.

Muitas vezes, especialmente nos meses de setembro a dezembro, ao acordar pela manhã, vi a calçada de nossa casa, cheia de homens, novos e velhos, procurando um trabalho ou mesmo um mantimento para a alimentação da família. Eu percebia que quase nunca saíam de mãos vazias, mesmo que no momento não tivesse o trabalho para realizar. Para meu pai, era importante partilhar o alimento, e para nós isso continua sendo essencial.

Nessa perspectiva, destaca-se que na cultura da zona rural, a partilha sempre foi um valor fundamental para a sobrevivência e para o fortalecimento das relações comunitárias. O gesto de oferecer alimento, acolher o vizinho ou dividir o pouco que se tem expressa uma espiritualidade concreta, enraizada na prática do cuidado com o outro. Essa vivência se aproxima muito da experiência de cristianismo do primeiro século da era cristã, cujas memórias dos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos eram muito vivas no cotidiano das pessoas, como é descrito em diversas passagens bíblicas, no partir do pão, nas orações nas casas e no socorro uns aos outros e “ninguém entre eles, passava necessidade” (cf. At 4,32): Desta forma, as primeiras comunidades cristãs, compreendiam que o alimento não era apenas sustento material, mas também símbolo de comunhão e solidariedade.

Nesse sentido, quando recordo a calçada de minha casa cheia de homens trabalhadores, mas sem trabalho, à procura de um mantimento para os filhos, e meu pai nunca os deixava sair de mãos vazias, percebo que o ato de partilhar era, antes de tudo, uma experiência espiritual ou seja, era a sua concepção de Deus. Partilhar o alimento era, portanto, partilhar vida, esperança e fé, confirmando que a espiritualidade das famílias da roça se manifesta não em discursos abstratos, mas em gestos cotidianos que traduzem a espiritualidade em ação: a terra dá o pão, e nós então, partilhamos com quem nada tem.

Nas ocasiões de prolongadas estiagens, papai conferia o paiol de arroz, os tambores, sacas e litros de feijão, farinha, milho: tudo ia diminuindo... Ele olhava a casa cheia de gente;





olhava para mamãe e mamãe olhava pra ele... os dois lembravam dos filhos que estudavam em outra cidade, Bom Jesus; pensavam nos trabalhadores, além daqueles que com certeza, chegariam pedindo um pouco de arroz, de feijão, de... e dizia com a firmeza da experiência e da fé provada: *“Fique tranquila, Mercês! Com fé na Providência Divina tudo vai melhorar. Quando a água baixar fica o remonte, vamos plantar milho e feijão de vazante; vamos produzir também melancia, abóbora e mandioca. No próximo ano o inverno vai ser bom e tudo vai se arranjar”*. E começavam de novo, com a mesma determinação esperançada.

Tratava-se de uma atitude de teimosia chamada esperança, que é uma marca forte do homem do semiárido brasileiro, que, como elucida Paulo Freire (2004), não se trata de esperar, pois esperança é realidade existencial:

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica[...]. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que virá, assim, espera vã. (Freire, 2004, p. 10).

A esperança se faz urgente e sua força está no caminhar com outros, atento aos “sinais dos tempos”. Assim, já vi também, no ano no qual a roça estava com uma plantação perfeita de feijão - todo florido - nascendo as vagens; e o milho pendoando, com as bonecas promissoras. Precisava só de umas três ou quatro chuvas para as vagens do feijão e as espigas do milho encherem totalmente de grãos. Faltava pouco! Mas não veio a chuva no dia de São José, nem na passagem da lua. As noites eram lindas, com o céu estrelado, lua clara como somente o céu do Piauí é! Não caiu chuva. As bonecas do milho não encheram, murcharam; os grãos da vagem de feijão não cresciam. Ia secando tudo com o sol permanente e intenso. Era o fim de mais um inverno sem chuva e sem colheita.

Quanta dor e tristeza certamente queriam invadir o peito daquele homem de Redenção, provado na vida e na fé! Aqueles olhos vivos e muito claros ficavam turvos de lágrimas, ficavam vermelhos. Olhava para a plantação secando sem dar o fruto pronto para a colheita; olhava para o céu longamente, como que com um gemido ou um soluço sufocado, mas não ousava dizer alto o que lhe vinha na alma: Oh, meu Deus!... Não. Ele não murmurava contra Deus e nem o fez até seu último dia.





Em casa, ele, novamente conferia o “paiol” (uma estrutura de proteção para manter as toneladas de arroz em perfeito estado) e os tambores que ocupavam um cômodo grande da casa e dizia, olhando para mamãe e pensando em nós: *“É...com fé na providência Divina vai dar pra vencer até o próximo inverno”*. E já começava a planejar outra plantação que dependia de menos chuva: mandioca, melancia, abóbora, meloa e melão; uma farinhada e outros empreendimentos, sem deixar de agradecer a Deus pela vida, pela saúde, pela força e coragem para enfrentar todas as “pelejas” e conseguir sobreviver. Como ele não se cansava de repetir: *“Venci todas as barreiras da vida, graças à Providência Divina que sempre me acompanhou sem me deixar esmorecer”*. Manter esse espírito forte exigia propósito daquelas pessoas simples, vulneráveis às dificuldades que se apresentavam como barreiras quase intransponíveis.

Esses fatos e vivências forjaram em mim e em meus irmãos uma espiritualidade experimentada na concretude da vida e marcada pela resiliência, como diz Gustavo Gutiérrez (1984), autor do livro *Beber no próprio poço*: “mesmo que a luz ainda não se tenha apresentado, a confiança em Deus e na comunidade aparecerá então” (p.145). Nesse contexto, percebo o quanto a espiritualidade prática me foi ensinada, não como método ou doutrina rígida, mas como experiência vivida que se traduz em uma herança de comunhão, transmitida de geração em geração.

Assim, essa espiritualidade, marcada pela fé, pela solidariedade e pela compreensão, foi fundamental para lidar com a partida repentina de minha mãe, quando a “irmã morte”, como dizia São Francisco de Assis (1182-1226), nos visitou. A dor jamais será apagada, mas foi atravessada pela esperança e pela força do legado espiritual que ela deixou. Entre nós, suas filhas e filhos, permanece uma saudade contida, mas também um amor explícito e admirável. Não é raro que alguém da família relate uma experiência espiritual ligada à sua presença: uma intuição, um insight orientador para os nossos dias, a sensação nítida de sua proximidade protetora ou até a lembrança viva de sua voz discreta e suave.

Em cada uma das seis filhas e dos três filhos de sangue, existe ainda aquela dorzinha latente, suavizada pelo tempo e pela intensidade amorosa dos momentos vividos com ela. Mamãe se tornou uma memória atemporal que nos atravessa e nos molda, presente em nossas histórias e escolhas cotidianas. Muitas vezes parece que ainda tínhamos muito a lhe dizer e não houve tempo. Por isso, em nossos dias, dirigimo-nos a ela em pensamento, em orações ou num sussurro confiante: “Ei, mamãe, minha flor de bugarim, hoje estou passando por essa situação... me ajuda...”. Contudo, é importante destacar que nunca houve revolta com Deus ou com a vida





diante de sua partida precoce, aos quase 55 anos. A espiritualidade herdada nos ensinou a transformar a ausência em presença simbólica, e a dor em fonte de esperança e fortaleza.

Em outro momento de minha trajetória, vivenciei uma espiritualidade profunda que me auxiliou a discernir minha vocação. Percebi que meu chamado era ser uma “Mulher Igreja”, apaixonada por Deus, missionária, feliz e realizada por inteiro. Senti, nesse processo, a ação da Providência Divina guiando meus passos e iluminando minhas decisões, mesmo diante do desconhecido.

Diante dos dilemas e do mundo que precisava percorrer, minha mãe, mulher simples, criada na roça, de escuta atenta, percebeu minhas inquietações e um dia ela me disse, discretamente, mas cheia de ternura, acariciando minhas pernas esticadas no banco de madeira, na área aberta em frente à cozinha da nossa casa, enquanto descansava da caminhada da Escola até em casa: *“Ah, fia, não vá para esse mundo longe, não! Minha filha é inteligente. Mas se for mesmo, não sofra lá não. Vem embora”*. Para mim, aquelas palavras foram a declaração de amor mais pura e segura, reforçando a confiança de que Deus acompanhava e amparava minha trajetória.

Confiando na Providência, como eles me ensinaram, dois anos depois, vivi plenamente essa escolha, e há 36 anos sigo nesse caminho. Assumi profundamente o encontro bíblico de Jesus com a Samaritana, experienciando diariamente aquela renovação espiritual: *“Eu, que estou falando com você, eu sou o Cristo”* (Jo 4,26); e *“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes frutos”* (Jo 15,16). Cada dia nessa trajetória confirma que a espiritualidade não é apenas uma experiência interior, mas um processo vivido e acolhido, orientado pela Providência Divina, que fortalece minhas escolhas e sustenta minha relação com Deus e com o outro.

ESPIRITUALIDADE COMO HERANÇA: AFETO, SOLIDARIEDADE E COMUNHÃO

Através da escrita Autoetnográfica sobre a relação familiar, percebe-se que a espiritualidade vivida e ensinada por meio de práticas de solidariedade, do cuidado com a terra e da convivência comunitária é transmitida como valor ético e afetivo. Na nossa família, isso se revela também como legado para os netos de meus pais, como testemunha a neta mais velha, Leozinha:





Conservo na minha memória afetiva os traços de minha vó: paciente, semblante calmo, amoroso e acolhedor; usando um vestido florido e bonito. Meu avô? Ah! Ele era meu amigo, com quem eu conversava, me escutava, contava sua história de vida, ensinando mensagem de um caminho bom, de confiança e luta pela vida, alegria. Sempre fui apegada a ele. Aquele homem grande que protegia a gente. Quando mais jovem ele consumia bebida alcoólica dia de sábado, especialmente, e lembro-me que eu não gostava disso. Morei um tempo com ele e tia Nívea, no Piauí, e criei um laço muito forte com ele. Tenho lembranças e saudades daquela casa com vó lá dentro. Lembro daquele amor tão grande dele por mim, pelos netos: aquele amor de vó mesmo! Me apeguei tanto ao vó e ele a mim! Quando fui embora, o vi chorando de dor e eu também fui chorando. Lembro-me que ia pra roça com ele só para ficar perto dele... E aí, ele me ensinava plantar feijão e milho. Foram vivências simples, que me marcaram positivamente. À noitinha, ficávamos na calçada, conversando. Ele contou-me das músicas e festas que tocava; que teve muitas namoradas, mas quando encontrou minha vó, pronto! Foi o amor da vida dele pra sempre. Meu avô foi um homem honrado, trabalhador. Deixou para mim um legado de honestidade, humildade, bom caráter, bom coração e paciência. Ele escutava com atenção, mas quando precisava, falava a verdade. Herdei dele, com certeza, o otimismo pela vida, crença de que lutando, as coisas vão dar certo. Sou grata demais por ter convivido com ele. Minhas irmãs não tiveram a mesma oportunidade. Lembro o cuidado dele com todos nós. Uma vez ele fez uma galinhada para mim, coisa de vó, meu Deus! Que comida gostosa! Me ensinou a fazer moqueca de peixe. Ele me olhava com tanto amor. Lembro de tudo nas minhas memórias. Tenho muito orgulho de ter puxado o sangue do vó, tenho a essência dele em mim. (Fonseca dos Santos, 2025, p. 131).

A narrativa supracitada, da jovem Leozinha, revela como esses ensinamentos moldaram a percepção do coletivo e fortaleceram laços familiares, evidenciando que a verdadeira conexão espiritual transcende o individual: ela se manifesta no cuidado com o próximo, na esperança diante das dificuldades e na construção de um legado ético que atravessa gerações. Assim, a espiritualidade se consolida na ação compassiva e no respeito mútuo, onde o Outro Transcendente se faz presente, moldando relações familiares e comunitárias.

Sobre essa experiência e identificação familiares com os avós, a pesquisadora Brito Dias enfatiza que:

Os avós são uma espécie de historiadores, ou seja, o elo de ligação entre as gerações, pois eles é que transmitem os valores e tradições não só da família como também da sociedade em geral. Entre as suas funções, está também a de serem exemplos e mentores das novas gerações, além de uma espécie de advinhos ou mágicos, que podem prever acontecimentos futuros com base em sua experiência de vida, além de serem pessoas que dão apoio (Fonseca dos Santos, 2025, p. 131).

Portanto, nas vivências de espiritualidade, é possível reconhecer as narrativas compartilhadas como outra dimensão significativa das heranças familiares. Essas narrativas não apenas registram experiências e ensinamentos, mas também fortalecem vínculos afetivos e culturais, perpetuando saberes que poderiam ser apagados pelo tempo. O depoimento sobre o avô exemplifica ainda o que Silva (2023, p. 179) afirma ao dizer que “[...] o mero ato de lembrar nos possibilita, a partir de narrativas compartilhadas, evocar e reclamar heranças apagadas de





nossas famílias da roça”. Ao recordar sua figura, seus gestos cotidianos, histórias, ensinamentos na roça, afetos e valores, a narradora realiza um exercício de memória que é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Nesse movimento, o ato de lembrar transforma-se em um gesto de preservação e valorização das heranças afetivas e culturais do campo, impedindo que sejam silenciadas pelo esquecimento e garantindo sua permanência como legado para as gerações futuras.

A esse respeito, a filósofa Hannah Arendt (2011, p. 31-32) nos ajuda a compreender mais amplamente ao dizer que:

A herança precisa ser transmitida, legando posses de um passado para um futuro, pois em tradição que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade no tempo e, portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro (Arendt, 2011, p. 31-32).

Nesse contexto, a história de vida, uma herança contada por meus avós e, depois, por meus pais, foram paulatinamente se transformando na minha própria história, nos meus próprios valores, pois os avós, ao reconstruírem suas histórias de vida, também reconstróem a história do modelo familiar, mediante caminhos marcados pelas lembranças de suas trajetórias pessoais e familiares.

Castro (2010, p. 61), ao tratar de parentesco e transmissão, diz que, na teoria das transmissões psíquicas de caráter intergeracional, um importante componente para sua compreensão são os vínculos empreendidos pelos indivíduos. E para Trachtenberg (2005), segundo a teoria psicanalítica das transmissões, os vínculos são entendidos como os vários tipos de ligações que o indivíduo pode estabelecer tanto com objetos internos como externos.

O gosto por resgatar as memórias familiares e a espiritualidade já se manifesta em minha trajetória de escrita. No meu último livro, *Falar a verdade é preciso: Avós na escola é bom?* (2025), escrevi o capítulo “Filhos e netos: uma identidade na Família Caboclo”. Nele, trago à baila a história de uma raiz ancestral. Procurei evidenciar como as memórias familiares transcendem lembranças individuais, configurando-se como patrimônio coletivo. Além disso, mostrei como essas vivências eram atravessadas por uma espiritualidade profunda. Expressa e transmitida por meio de práticas de solidariedade nas relações cotidianas, e também no enfrentamento decidido às intempéries do clima, que castiga o trabalhador do campo, mas, ao mesmo tempo, o fortalece no empreendimento de alternativas concretas para vencer ali mesmo. Tudo isso, com a firme esperança na Providência Divina, como traz São Paulo, o grande apóstolo trabalhador e evangelizador: “A esperança não decepciona” (cf. Rm 5,5).





CONCLUSÕES

Em síntese, esta reflexão aponta que a espiritualidade não se limita a um espaço íntimo ou apenas devocional, mas é uma experiência viva, presente nas relações familiares, comunitárias e históricas. Através da memória transmitida entre gerações, percebe-se que a espiritualidade dos homens e mulheres do semiárido brasileiro revela uma força singular: ela nasce da terra árida, da escassez de chuvas, das perdas e frustrações, mas floresce em gestos de partilha, em palavras de esperança e em atitudes concretas de solidariedade. Trata-se de uma espiritualidade prática, que se traduz menos em discursos e mais em contemplação e atitude resiliente que parece se conectar com a realidade do bioma caatinga, no qual com apenas duas ou três chuvas muda o tom cinzento dos arbustos e matos secos das roças, dando lugar ao verde que transborda em alegria e esperança para a vida do agricultor, reafirmando a fé no Deus providente também vivo na natureza.

Ao revisitar as memórias familiares, constato que os ensinamentos de pais e avós, a partir dos vínculos estabelecidos, foram fundamentais para moldar identidades, fortalecer vínculos afetivos e preservar valores que ultrapassam o tempo. A oralidade, as narrativas cotidianas, os conselhos, o exemplo silencioso da fé e a prática da partilha configuram-se como formas eficazes de transmissão intergeracional, ressignificando a espiritualidade em cada nova geração. Nesse processo, percebo que hoje a ausência que machuca transforma-se em presença simbólica, a dor em fonte de esperança e a fragilidade humana em espaço de abertura para o sagrado, além de gratidão pelas memórias que animam a resistência.

Reafirmo, portanto, com convicção, que esse legado espiritual e axiológico se constitui em força motriz, capaz de refazer a pessoa e mantê-la de pé, transformando a própria vida e impulsionando outras vidas e jornadas para o MAIS. Essa experiência contempla a minha trajetória, não obstante os meus desafios e vulnerabilidades. Termino, porém, com o poeta da minha terra, que parece sussurrar em meu coração: ‘Resista, criatura. Resista...’ (Torquato Neto, 2017).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas Editora, 2003.





CASTRO, Raquel Almeida de. **A transmissão intergeracional na perspectiva de famílias de uma instituição de abrigamento**. Ribeirão Preto, 2010.

FONSECA DOS SANTOS, Maria das Graças. **Falar a verdade é preciso: avós na escola é bom?** Curitiba: CRV. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 9ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**. Itinerário Espiritual de um povo. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

JANELA, António. Os avós como transmissores de fé. **Povos e Culturas**, n. 10, p. 51-59, 1 jan. 2005. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8807>. Acesso em: 15 nov. 2025.

NETO, Torquato. **Torquato Neto: essencial**. Organização Ítalo Moriconi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SÁ, Sumaia Midlej Pimentel; LEAL, Teresa Cristina Merhy; SANTOS, Joana D’Arc Silva (Orgs.). **Envelhecimento & Espiritualidade**. Coleção Envelhecimento e Vida Familiar. Curitiba: Editora CRV, 2022.

SILVA, Diana Leia Alencar da. O Contar-se entre o “nós outros”: a identidade narrativa na circularidade de uma casa de farinha. In: BASTOS, Ana Cecília de Sousa; *et al* (Org.). **A poética do encontro com Elaine Pedreira Rabinovich**. Curitiba: Appris, 2023, p. 171-182.

TRACHTENBERG, Paula. **Transmissão psíquica entre gerações: a herança em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 15/09/2025 Aceito em: 15/11/2025 Publicado em: 04/02/2026	Received on: 15/09/2025 Accepted in: 15/11/2025 Published on: 04/02/2026
Contribuições de Autoria Escrita do texto: Maria das Graças F. dos Santos; Revisão do manuscrito: Elaine Pedreira Rabinovich.	Author Contributions Text writing: Maria das Graças F. dos Santos; Manuscript review: Elaine Pedreira Rabinovich.
Conflitos de Interesse As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DOS SANTOS, Maria das Graças Fonseca; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Espiritualidade forjada nas memórias transmitidas. Revista Macambira , Serrinha (BA), Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102010. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1815	How to cite this article - ABNT DOS SANTOS, Maria das Graças Fonseca; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Spirituality Forged in Transmitted Memories. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102010. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1815
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.